

# A Europa, a extrema-direita, e o Islão

*Europe, the Extreme Right, and Islam*

**J.P. Zuquete\***

---

## **Resumo**

Neste artigo o autor analisa a importância que a “questão islâmica” adquiriu no imaginário, e na prática, da extrema-direita europeia. Depois de discutir a validade da palavra “islamofobia”, o autor documenta, por meio de uma análise extensa de fontes primárias e secundárias, as várias formas através das quais o anti-islamismo está a redefinir o universo ideológico clássico da extrema-direita, assim como as suas consequências para o sistema partidário e cultura política em geral.

---

## **Palavras-chave**

Europa, Islão, Democracia, Extremismo

---

## **Abstract**

In this article the author analyzes the importance that the “Islamic question” acquired in the imagination, and in the practice, of the European Extreme Right. After discussing the validity of the word “Islamophobia”, the author documents, through an extensive analysis of primary and secondary sources, the various ways in which anti-Islamism is redefining the classic ideological universe of the Extreme Right, as well as the consequences for the party system and political culture in general.

---

## **Keywords**

Europe. Islam. Democracy. Extremism.

---

\* Doutorado em Ciências Políticas (2005), foi investigador nas universidades de Boston e de Harvard. É autor de “Missionary Politics in Contemporary Europe” (2007) e co-autor de “The Struggle for the World: Liberation Movements for the 21st Century (2010)”, publicados nos Estados Unidos da América pela Syracuse University Press e Stanford University Press, respectivamente. Tem trabalhos publicados nas revistas *Latin American Politics and Society*, *Journal of Political Ideologies* e *New Global Studies*. Desde 2010 que é investigador no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

## Introdução

Principalmente a partir da viragem para o terceiro milénio a Europa Ocidental tem testemunhado o fortalecimento de partidos descritos como de “extrema-direita”. Embora haja um debate contínuo sobre o que significa exactamente ser um partido de extrema-direita, existe um relativo consenso em descreve-lo como nacionalista, anti-sistémico, e exclusivo. E, como a sua narrativa assenta numa divisão rígida do mundo entre as elites, invariavelmente denunciadas como malignas, e o povo, visto como bom, e imaculado, a tendência é para classificar o discurso de extrema-direita como populista. Importa referir, conquanto, que o rotulo de “extrema-direita” é, de uma forma sistemática, recusado por muitos deste partidos que preferem auto-definir-se (como partidos de direita nacional, por exemplo, ou mesmo acima de qualquer ideologia) em vez de serem definidos de fora, de uma maneira estigmatizante, pelo *establishment* opressor e pelo paradigma dominante, o que inclui os políticos, os *media*, e as universidades.

Dentro destes parâmetros conceptuais a ideologia da extrema-direita, contudo, move-se. Isto é, ela não é estática mas, dentro de certos limites, evolui e molda-se de acordo com o contexto. Existe sempre a possibilidade de temas decaírem em importância e outros ocuparem o seu lugar. Isto a propósito da importância que a chamada “islamofobia” adquiriu no universo ideológico da extrema-direita.<sup>1</sup> Até à passagem para o século XXI a islamofobia não era vista no mundo académico como uma característica essencial da ideologia extremista de direita.<sup>2</sup> A situação mudou. E a partir do começo do século, e sobretudo no seguimento do 11 de Setembro de 2001, a ameaça da Lua Crescente e o espectro de uma Europa muçulmana, tornaram-se temas prioritários no universo ideológico da extrema-direita europeia. Assim, o conceito de Islão passou a galvanizar a acção desses grupos, e, ao mesmo tempo que eles preparam a “defesa” contra a islamização da Europa, novos temas emergem, outros declinam, alguns objectivos partidários são reconsiderados e o potencial para novas alianças cresce. De tal maneira o assunto assumiu importância

<sup>1</sup> CAMUS, Jean-Yves. Le nouvel ennemi: le monde arabo-musulman ou l’Islam. *Le Monde*, 23 jan 2005

<sup>2</sup> É verdade que o Islão tem sido denunciado por partidos da extrema-direita, particularmente desde a década de oitenta. Em 1990, por exemplo, a revista do *Front National* (Frente Nacional) *Identité* dedicou um dos seus números à “reemergência” do Islão, denunciando a sua incompatibilidade com a cultura europeia. Mas a tendência académica sempre foi a de considerar a rejeição do Islão apenas como uma *dimensão* de “xenofobia” e ver em narrativas “anti-muçulmanas” simplesmente uma *componente* do discurso contra a imigração. Ver, por exemplo, DAVIES, Peter & LYNCH, Derek. *The Routledge Companion to Fascism and the Far Right*. Londres: Routledge. 2002, p. 62.

que ele ajudou a inaugurar o que foi denominado como uma “nova fase” da evolução da extrema-direita no período posterior à Segunda Guerra Mundial.<sup>3</sup>

Este artigo pretende mostrar, documentar e analisar de que forma é que o tema islâmico passou a fazer parte dos cânones da extrema-direita europeia. Adicionalmente, descreve os moldes através dos quais a primazia desse tema tem levado, desde há sensivelmente uma década, a um zigzague ideológico por parte dos partidos de extrema-direita, e às suas consequências no sistema partidário, e na cultura política, em geral. Este estudo centra-se numa variedade de partidos políticos europeus de extrema-direita, nomeadamente, de uma forma mais sistemática, da Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Grã-Bretanha, Itália e, de uma forma mais ocasional, da Holanda e da Alemanha. A razão da escolha de partidos que têm um passado diverso e que, até ao momento, têm tido resultados eleitorais também diversos, serve para mostrar como, não obstante as diferenças, exibem muitas semelhanças na maneira como lidam com o tema “Islão”. Como o objectivo primário é analisar a narrativa relativa ao Islão, a fonte primária é a literatura dos partidos (manifestos, comunicados de imprensa, publicações e discursos) assim como entrevistas aos líderes e membros dos partidos (conduzidas pelo autor ou por órgãos da comunicação social). Também foram incorporados fontes secundárias (de jornais e da internet, por exemplo) que ajudam a compreender melhor a cosmovisão de tais partidos.

Tendo em conta que cada secção deste estudo pode servir de base para outro artigo (ou monografia), e por isso a análise nunca pode ser total e exaustiva, o objectivo é o de fornecer uma visão geral de desenvolvimentos que, nesta óptica, abrem novas possibilidades de investigação relativamente à ideologia da extrema-direita no século XXI.

### *Islamofobia ou Anti-Islão?*

Como nota preliminar, torna-se necessário referir que não só o termo “Islamofobia” está presente dentro e fora do mundo académico, como também existe um alarmismo crescente relativamente a este assunto. Esta percepção da existência de um perigo iminente encontra-se epitomizada nas seguintes palavras proferidas pelo vice-presidente da

<sup>3</sup> Depois de uma primeira fase que vai até aos anos oitenta, e de uma segunda fase que ocupa os anos noventa, com o fim do século XX a extrema-direita europeia entra numa terceira fase da sua evolução. Ver IGNAZI, Piero. Les Partis d'Extreme Droite en Europe de l'Ouest. *Les Cahiers du CEVIPOF*, abr, no. 53, p. 59- 81

Associação Humanista Americana: “É como o início de uma tempestade; pode pressentir-se a electricidade no ar. A Islamofobia ergue a sua cabeça hedionda tanto nos Estados Unidos como na Europa... cambaleamos na orla de uma espécie de histeria colectiva – Islamofobia – capaz de nos fazer recuar uma geração, ou até mais, na nossa demanda por um mundo em paz.<sup>4</sup> Contudo, esta “histeria” refere-se a expressão sobre a qual não existe acordo relativamente ao seu significado. O último relatório da União Europeia sobre “Discriminação e Islamofobia” diz especificamente que a definição, aplicação e utilização do termo “continua a ser alvo de contestação”.<sup>5</sup> Na introdução de um relatório transnacional sobre “Secularização e Divisões Religiosas na Europa”, lê-se que “pretendemos utilizar o termo “Islamofobia” como ponto de partida da nossa análise, mas não o damos como certo”.<sup>6</sup> Independentemente desta advertência, o cerne da questão é que a expressão apresenta algum poder de permanência, tendo-se inclusivamente estabelecido como norma no debate sobre a situação dos muçulmanos na Europa. Assim, a islamofobia é um termo que designa a estigmatização de todos os muçulmanos, e que se define como uma atitude generalizada e um discurso do medo através do qual as pessoas julgam, sem conhecimento de causa, o Islão como sendo o inimigo, o “outro”, um bloco monolítico perigoso e imutável que é o objecto natural da justa hostilidade dos ocidentais.<sup>7</sup>

Devido ao “fracasso” em encontrar uma explicação sobre o que é a islamofobia, têm-se apelado a uma nova definição de islamofobia, seja mais alargada ou mais restrita do que a existente.<sup>8</sup> No entanto, há motivos importantes para que repensemos uma utilização tão lata do termo. Têm-se levantado algumas críticas nesse sentido, umas mais convincentes do que outras. Por exemplo, Césari avançou a hipótese “da expressão poder ser enganosa”, já que poderá referir-se a outras formas de discriminação (tal como racial ou social) no âmbito da discriminação religiosa.<sup>9</sup> Na minha opinião, existem duas razões decisivas para os cientistas sociais empregarem a palavra “islamofobia” de forma mais comedida. A primeira tem a ver com

<sup>4</sup> COON, Carl. Islamophobia. *The Humanist*, Vol. 66, Nº 3, maio-jun 2006, p. 4-5.

<sup>5</sup> EUMC – European Monitoring Center on Racism and Xenophobia. *Muslims in the European Union: Discrimination and Islamophobia*. Dez 2006, p. 61. [http://eumc.europa.eu/eumc/material/pub/muslim/Manifestations\\_EN.pdf](http://eumc.europa.eu/eumc/material/pub/muslim/Manifestations_EN.pdf)

<sup>6</sup> CÉSARI, J. Introduction: Use of the term “islamophobia” in European Societies. In: *Securitization and Religious Divides in Europe: Muslims in Western Europe after 9/11*. 6<sup>th</sup> PCRD of European Commission, 2006, p. 8.

<sup>7</sup> Islamophobia: a challenge for us all. In: *The Runnymede Trust*. Commission on British Muslims and Islamophobia, London, 1997

<sup>8</sup> ALLEN, Chris. *The First “Decade” of Islamophobia: 10 years of the Runnymede Trust*, 2007, p. 26.

<sup>9</sup> CÉSARI, J. Op. cit., p. 8.

a *indistinção* da palavra: coloca sob o chapéu alargado do “ódio ou medo do Islão” discursos e críticas que têm distintas proveniências, motivos e objectivos. Veja-se, por exemplo, o caso de Geisser que acusa os académicos que criticam o Islão em nome dos valores liberais de serem impelidos, basicamente, por um “medo” que se manifesta através de sintomas de uma “Islamofobia latente” vagamente definida.<sup>10</sup> Por oposição a esta dinâmica do “abarca tudo”, é preferível uma abordagem semelhante à de Maussen, que apela à necessidade urgente de se fazer uma *distinção* entre “debates de cariz académico sobre as relações entre o Islão e a modernidade, discussões públicas sobre se o Islão reconhece o princípio da separação entre igreja e estado, apelos públicos contra o Islão por ser uma “religião retrógrada” ou uma “religião violenta”, e discurso do ódio.<sup>11</sup>

Seguramente, um número considerável dos que questionam o Islão não são necessariamente impelidos por uma atitude ilógica, visão tendenciosa, puro medo ou ódio irracional. Este aspecto prende-se com uma segunda razão pela qual se deve restringir o termo “islamofobia”: o termo é mais controverso do que analítico: está “longe de ser neutro”.<sup>12</sup> Uma vez reconhecido este ponto, podem estabelecer-se paralelos com o uso alargado da etiqueta “xenofobia”, que há muito tem sido colada a todos os que põem em causa o impacto da imigração ou os problemas resultantes de modelos específicos de integração de imigrantes (ou ausência deles). Este assunto relaciona-se com o que Chantal Mouffe descreveu como um dos grandes fracassos das democracias europeias contemporâneas: a imposição de uma “moldura moral” relativamente a uma série de assuntos, legitimando o reino do bom “discurso aceitável” (e, por vezes, cordões sanitários, impedindo o acesso ao poder de partidos “inaceitáveis”) e sobrepondo-o ao discurso considerado *demoníaco* e despropositado. Obviamente, a existência de posições “extremistas” e atitudes xenófobas não pode ser negada. Contudo, na sequência de acontecimentos bastante recentes na Europa, muito dificilmente deixaríamos de apoiar a denúncia de Mouffe relativamente ao “perigo de utilização desta categoria [extrema-direita] para demonizar todos os partidos que defendem posições vistas com uma ameaça ao sistema bem intencionado”.<sup>13</sup> O uso indiscriminado de etiquetas como “islamofobia”, que contém uma dimensão *moralista*

<sup>10</sup> GEISSER, Vincent. *La Nouvelle Islamophobie*. Paris: Éditions La Découverte, 2003, p. 21-2.

<sup>11</sup> MAUSSEN, Marcel. 2006. Anti-Muslim sentiments and mobilization in the Netherlands. Discourse, policies and violence. In: *Securitization and Religious Divides in Europe: Muslims in Western Europe after 9/11*, 6th PCRD of European Commission, 2006, p. 101.

<sup>12</sup> BOWEN, John. Commentary on Bunzl. *American Ethnologist*, Volume 32, No. 4, 2005, p. 524.

<sup>13</sup> MOUFFE, Chantal. The “end of politics” and the challenge of Right-wing populism. In: *Populism and the Mirror of Democracy*, Londres: Verso, 2005, p. 59.

inquestionável, têm a capacidade de estigmatizar e relegar para a periferia “islamofóbica” do debate público todos os que criticam ou mesmo tentam compreender, de forma não monolítica, aspectos do Islão. Transforma-se assim a islamofobia num delito de opinião, levando à auto-censura.<sup>14</sup> A fusão (por vezes clara, outras implícita) da crítica legítima ou de posições válidas com a demonização tem como consequência pôr fim a qualquer hipótese de debate verdadeiramente aberto e democrático, ou iniciativa semelhante, silenciando vozes temerosas da estigmatização, e, na prática, favorecendo a emergência e os actos dos que, de facto, demonizam.

Isto é particularmente verdade à luz do crescente reconhecimento, no mundo académico que nas últimas décadas tem havido uma ausência de debate público e de interacção entre os que governam e os que são governados, relativamente a assuntos vitais (como a imigração, ou o futuro do projecto europeu), o que, por sua vez, tem aumentado a simpatia por partidos anti-sistémicos que afirmam representar as pessoas e apelam às democracias “verdadeiras”.<sup>15</sup> Nesta perspectiva, “anti-islamista” parece-nos uma categoria analítica mais apropriada para ser aplicada a alguns discursos sobre o Islão, particularmente os provenientes da extrema-direita, porque pelo menos dá início a um processo necessário (e que há muito deveria ter sido iniciado) de *distinção* nos discursos sobre o Islão: entre os que resultam de medos irracionais, tratam o Islão como sendo um bloco monolítico, e caracterizam-se pela agressividade e violência verbal e simbólica (que pode ou não descambar em violência física) e os que tecem críticas relativamente a alguns dos seus aspectos, mas que não são *ipso facto* “anti-islão” por causa dessas críticas.<sup>16</sup>

### *O regresso dos soldados cristãos?*

Os autores de um *research paper* da Comissão Europeia, publicado em 1998, argumentaram que já não era possível discutir o futuro político, “sem também discutir questões de sentido, espiritualidade, e identidade cultural”.<sup>17</sup> Mais de uma década depois estas palavras são mais certas

<sup>14</sup> Esse perigo é denunciado, por exemplo, pelo escritor francês Pascal Bruckner. Ver, BRUCKNER, Pascal. L'invention de la “islamophobie”. *Liberation*, 23 nov 2010.

<sup>15</sup> Neste ponto consultar MOUFFE, Op. cit., e LAQUEUR, Walter. *The Last Days of Europe: Epitaph for an Old Continent*. Nova Iorque: Thomas Dunne Books/St. Martin's Press, 2007, p. 171-72.

<sup>16</sup> MAUSSEN, Op. Cit., p. 102-103; KARAKASOGLU, Yasemin. Anti-Islamic Discourses in Europe: Agents and Contents. In: *Muslims in Europe and in the United States: A Transatlantic Comparison*, CES Harvard, 15-16 dez 2006

<sup>17</sup> CLEVELAND, Harlan & LUYCKX, Marc. Civilizations and Governance. *Working Paper for the Seminar on Governance and Civilizations*, Brussels, 14-16 maio 1998, p. 22.

do que nunca, especialmente no que diz respeito ao “futuro político” da Europa.

Uma das evoluções mais importantes dos últimos anos tem sido a crescente relevância de temas Cristãos na comunicação verbal e não-verbal da extrema-direita europeia.<sup>18</sup> A crescente percepção dos muçulmanos e do Islão em geral como uma ameaça sinistra para as comunidades nativas é, em grande parte, responsável por esta evolução. Nalguns casos, como o da Frente Nacional, a maior atenção dada ao Cristianismo é uma continuação e intensificação de uma prévia plataforma ideológica. Quando Le Pen defende a ilegalização de grandes mesquitas por que constituem “edifícios de conquista político-religiosa” a “ameaçam a identidade Cristã do nosso país”, ele está, *grosso modo*, a reiterar um tema familiar.<sup>19</sup>

Mas, noutros casos, a “viragem para o Cristianismo” constitui uma novidade, implicando mesmo a rejeição de posições anteriores. Esse é o caso da *Lega Nord* (Liga do Norte). Durante uma fase inicial, que durou até ao fim da década de 1990, a Igreja Católica, era atacada como um inimigo natural das liberdades do Norte de Itália, devido à sua cumplicidade com as forças centralizadoras e opressivas desde a fundação do país. A eclosão da guerra do Kosovo (visto pelo partido como uma tentativa dos EUA de “islamizarem” a Europa), assim como um crescente ênfase na tradição (uma resposta à liberalização dos costumes e à globalização), mudaram o discurso do partido numa direcção pro-cristã. O Papa João Paulo II passou de “inimigo polaco” para “um grande homem ... o primeiro Papa em cem anos que não recua perante o avanço das doutrinas maçónicas e anti-cristãs ... a Igreja está a acordar”.<sup>20</sup> A orientação anti-islâmica do partido aprofundou-se a partir dos ataques terroristas de 11 de Setembro: Islão passou a ser sinónimo de terrorismo, violência e morte. O partido intensificou as suas campanhas contra práticas e políticas que de alguma maneira pudessem facilitar a “islamização” do país. Um eurodeputado da Liga declarou durante um protesto de rua contra o *burqa*, que “o Islão é um vírus perigoso, e nós temos que o conter por que a Padania tem que permanecer Cristã”.<sup>21</sup> Batalhas históricas são reinterpretadas à luz do constante fluxo de imigração muçulmana para a Europa. Quando

<sup>18</sup> LIANG, Christina Schori. Europe for the Europeans: The Foreign and Security Policy of the Populist Radical Right. In: *Europe for the Europeans: The Foreign and Security Policy of the Populist Radical Right*, Burlington, VT: Ashgate, 2007, p. 20-23.

<sup>19</sup> LE PEN, Jean-Marie. “Discours de clôture du XIIIe Congrès du Front National,” 18 nov 2007. Disponível em: [http://www.frontnational.com/doc\\_interventions\\_detail.php?id\\_inter=92](http://www.frontnational.com/doc_interventions_detail.php?id_inter=92)

<sup>20</sup> *LA STAMPA*, 7 fev 2000

<sup>21</sup> AGI – Agenzia Giornalistica Italia, 2 out 2006.

o parlamento Italiano decidiu remover um quadro da batalha naval de Levanto (1571, na qual a frota Otomana foi derrotada por forças Cristãs), Mário Borghezio, um dos dirigentes máximos da Liga, reagiu indignado, dizendo que essa decisão “era um ataque contra a identidade Cristã do país, [por que Lepanto] assinalava a vitória de um Europa Cristã contra a invasão Muçulmana”.<sup>22</sup> Neste contexto não constituiu uma surpresa que o órgão oficial do partido tenha sido um dos maiores apoiantes do Papa Bento XVI quando este referiu o papel basilar da violência no Islão. Da mesma forma, dirigentes da Liga elogiam o Papa pelos seus esforços para “re Cristianizar” a Europa. “Nós precisamos de agradecer a Ratzinger,” declarou um dirigente, “por causa dele a Igreja relembrou as suas origens”.<sup>23</sup>

O Partido Nacionalista Britânico (BNP) conheceu uma trajectória similar. O seu líder, Nick Griffin, identificou o partido como “a vanguarda da resistência à islamização,” considerando-a “o problema mais premente da primeira metade do nosso século”.<sup>24</sup> Tal como a Liga do Norte o partido tem-se oposto à construção de novas mesquitas, vendo cada uma delas como um passo rumo à “colonização islâmica” do país (como por exemplo aquela que será a maior mesquita da Europa planeada para os jogos olímpicos de 2012). Até um símbolo tradicional do nacionalismo inglês como São Jorge é descrito como um “ardente e poderoso símbolo da oposição ao Islão”.<sup>25</sup> Além disso, o BNP tem defendido o Papa Bento XVI e enaltecido a sua “coragem por falar contra os perigos do Islão,” criticando ao mesmo tempo a Igreja Anglicana por não ter a determinação para enfrentar “a ameaça bem real da Inglaterra se transformar num estado Islâmico nas próximas décadas”.<sup>26</sup> Não admira que o BNP esteja por trás da criação de uma nova organização Cristã, o *Christian Council of Britain*, em cuja declaração de objectivos se pode ler: “Nestes tempos de crise moral e perante a possibilidade bem real do vazio espiritual ser preenchido por cultos e doutrinas perigosas, agora mais do que nunca, é preciso realinhar de novo a Igreja com o seu rebanho perdido”.<sup>27</sup> Quando o arcebispo de Canterbury, e líder da Igreja

<sup>22</sup> Rimossa la raffigurazione della battaglia di Lepanto a Montecitorio. *LA PADANIA*, 25 mar 2007

<sup>23</sup> Chiudamo le porte di casa nostra a chi arriva dai paesi musulmani. *LA PADANIA*, 19 set 2006

<sup>24</sup> GRIFFIN, Nick. The European Intifada – rising to meet the great challenge of our age. 21 nov 2005. Disponível em: <http://www.bnp.org.uk>

<sup>25</sup> BNP – British National Party. St. George is for life. 4 jul 2006. Disponível em: <http://www.bnp.org.uk>

<sup>26</sup> BNP – British National Party. Islamic takeover of Europe getting very nasty.” 2 nov 2006. Disponível em: <http://www.bnp.org.uk>

<sup>27</sup> CCB – Christian Council of Britain. Mission Statement. 2007.

Anglicana, referiu que a incorporação de alguns aspectos da *Sharia* na lei britânica era “inevitável” o BNP reagiu afirmando que esse tipo de declarações revelavam a disposição das classes dominantes “para trair a tradição Cristã do país a fim de apaziguar o Islão”.<sup>28</sup> A atenção dada pelo BNP a temas, lemas e símbolos do Cristianismo tem sido tão visível que tem provocado uma contínua reacção de membros e líderes da Igreja acusando o partido de “raptar” a religião para fins puramente políticos.

Mas este renovado ênfase na “identidade Cristã” das “comunidades originais” da Europa, ameaçadas pelo avanço impiedoso do Islão, pode ser visto um pouco em todos os partidos de extrema-direita na Europa. A coligação de partidos de extrema-direita no Parlamento Europeu “Identidade, Tradição e Soberania” (que apenas durou de Janeiro a Novembro de 2007), tinha como princípio fundador “o empenho nos valores, tradição e cultura Cristã”. O *chairman* do grupo, Bruno Gollnisch, da Frente Nacional, afirmou que um dos objectivos do grupo era ir além de um mero eurocepticismo. O grupo não se iria limitar a atacar a UE; também iria defender os “valores Cristãos”.<sup>29</sup> Durante as eleições parlamentares austríacas de 2006, por exemplo, o *Partido da Liberdade*, fez campanha recorrendo a uma plataforma especificamente anti-islâmica. Num dos seus posters eleitorais podia ver-se a Catedral de Viena com uma lua crescente em vez da cruz, e a legenda lia, “este é o verdadeiro desejo oculto dos Muçulmanos”.<sup>30</sup> Entre avisos contra a iminente islamização do país, o partido flamengo *Vlaams Belang*, assume-se como o verdadeiro guardião do Cristianismo. Como refere um dos seus líderes, Filip Dewinter, “Relativamente ao aborto, eutanásia, casamento gay, adopção de casais homossexuais, valores de família, subsídios para escolas Judias ou Cristãs, nós defendemos sempre o ponto de vista Cristão... nós somos melhores Cristãos que os chamados Democratas-cristãos ... muitos de nós não somos crentes no sentido religioso do termo, mas partilhamos os valores morais do Cristianismo. Eles representam a fundação da civilização Europeia”.<sup>31</sup>

Esta ideia de uma “Europa Cristã” sob ataque, enfraquecida pelo secularização, e ameaçada de morte pelo contínuo fluxo migratório de populações muçulmanas, encontrou apoio nos avisos do Papa Bento XVI contra o vazio espiritual no qual a Europa caiu, devido ao triunfo de uma racionalismo ímpio que nega às pessoas o papel da fé e direcção

<sup>28</sup> THE VOICE OF FREEDOM: The Newspaper of the British National Party. N. 93, mar 2008.

<sup>29</sup> THE DAILY TELEGRAPH. New far-Right group launches its mission to defend European identity. 16 jan 2007.

<sup>30</sup> Islamophobia Colors Austria Electioneering. IOL – IslamOnline.net. , 14 set 2006.

<sup>31</sup> DEWINTER, Filip. Comunicação por e-mail. 14 nov 2006.

espiritual.<sup>32</sup> A ideia de que é imperioso defender de uma forma mais agressiva os valores Cristãos, de forma a levar a uma “recristianização” da Europa, tem ganho terreno na hierarquia católica, mas também em sectores protestantes. Neste cenário, não é de estranhar que muitos partidos nacionalistas vejam nos apelos da Igreja, nomeadamente do Vaticano, a confirmação da *sua* própria mensagem, e um aliado contra o colapso da Europa Cristã que surge, sem apelo nem agravo, no horizonte.<sup>33</sup> Kaufmann afirmou que o crescimento de uma Europa Islâmica pode levar a uma resposta nacionalista indígena ou “a uma renovada atenção à identidade Cristã [da Europa]”.<sup>34</sup> Mas estas variáveis não se opõem e não se excluem uma à outra. Os mais recentes desenvolvimentos nos partidos “indígenas” indicam que, particularmente em oposição a uma tomada de poder muçulmana, um rumo pro-cristão já está em andamento.

### *Rumo ao Filosemitismo?*

Embora o anti-semitismo esteja ausente do discurso de alguns partidos (por exemplo, a Liga do Norte), a desconfiança relativamente aos judeus – considerados estrangeiros, desenraizados e envolvidos em conspirações internacionais contra a unidade da nação – há muito que caracteriza os partidos de extrema-direita europeus (por exemplo, a Frente Nacional em França). Contudo, recentemente tem-se observado uma mudança no discurso de muitos destes partidos numa direcção decididamente pro-judaica. Esta tendência, contudo, não é uniforme, e alguns partidos, como o Partido Nacional Democrata Alemão (NPD), permanecem decididamente leais às suas origens anti-semitas.<sup>35</sup>

O Partido Nacional Britânico (BNP) constitui um exemplo paradigmático desta metamorfose ideológica, devido à sua tentativa de distanciamento do anti-semitismo que desde sempre foi uma das forças

<sup>32</sup> SHORTO, Russell. Keeping the Faith. *The New York Times Magazine*, 8 abr 2007; BENEDICT XVI. Address Of His Holiness Benedict XVI To The Participants In The Convention Organized By The Commission Of The Bishops’ Conferences Of The European Community (Comece). 24 mar 2007. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2007/march/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070324\\_comece\\_en.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20070324_comece_en.html)

<sup>33</sup> Por exemplo, Georg Gaenswein, secretário privado do Papa, disse numa entrevista que “não podem ser negadas as tentativas de islamizar o Ocidente,” avisando contra o perigo que o Islão representa para a Europa. Ver, *JERUSALEM POST*, 26 jul 2007.

<sup>34</sup> KAUFMANN, Eric. Breeding for God, *Prospect*, nov 2006

<sup>35</sup> HENTGES, Gudrun. “Popular Potential”: The Extreme Right and Germany’s Peace movement. In: *The Stephen Roth Institute for the Study of Contemporary Antisemitism and Racism at Tel Aviv University* (Ed.), *Antisemitism Worldwide 2002/3*, Tel Aviv, 2003, p. 55-74

motrizes do partido desde a sua origem. O líder do partido criticou a paranóia anti-judaica,<sup>36</sup> afirmando que, para o BNP, “a ideia que ‘os judeus são o inimigo’ está absolutamente esgotada”, porque o partido quer “prosseguir com as lutas reais”.<sup>37</sup> O partido anunciou que “tem seguido em frente nos últimos anos, desembaraçando-se dos grilhões das teorias da conspiração e do anti-semitismo velado que atrasou o partido ao longo de duas décadas”. Ao invés, o partido apontou dois grupos como sendo “os verdadeiros inimigos do povo britânico: ‘Anglo-Saxões Celtas da esquerda liberal nascidos no Reino Unido’ e a ‘Horda do Crescente’, a onda interminável de islamistas que afluem às nossas costas com o intuito de envolver as nossas ilhas no abraço da sua barbara religião do deserto”.<sup>38</sup> O partido tem dado espaço às vozes que abertamente professam a sua admiração por Israel. Um colunista escreveu contra a ‘franja lunática do movimento nacionalista’ anti-semita, elogiando a abordagem ‘nacionalista’ de Israel, já que, “o século XXI é o século do Islamismo”. A menos que comecemos a oferecer resistência à ameaça do extremismo islâmico, dentro de 100 anos o Ocidente ter-se-á tornado na Eurásia”.<sup>39</sup>

Atente-se também no caso do partido nacionalista separatista flamengo *Vlaams Belang*, que, tendo começado por prestar uma atenção mínima aos judeus,<sup>40</sup> num contexto cada vez mais anti-islâmico, tornou-se um apoiante leal do judaísmo e do sionismo. Dewinter tem, em várias ocasiões, professado o seu apoio e admiração pelos judeus, tanto nos meios de comunicação social judaicos como nos principais *media*. Ele faz referência repetidamente às raízes “judaico-cristãs”<sup>41</sup> da Europa e do Ocidente. Os “valores judeus são os valores europeus”, afirmou numa entrevista, e “a civilização judaica é uma das raízes da civilização ocidental”.<sup>42</sup> O partido prometeu defender as comunidades judaicas dos ataques de muçulmanos, descritos como “os primeiros *pogroms* na Bélgica desde a Segunda Guerra Mundial”.<sup>43</sup> Israel é igualmente elogiada como um “aliado natural” da Europa, por ser a “única nação onde vigora a liberdade de expressão,

<sup>36</sup> GRIFFIN, Nick. The British National Party Goes Straight: Interview by Robert Locke. *Think-Israel*, set-out 2005.

<sup>37</sup> Idem. The European Intifada – rising to meet the great challenge of our age. 21 nov 2005. Disponível em: <http://www.bnp.org.uk>

<sup>38</sup> BNP – British National Party. Nationalism and Israel. 28 jul 2006.

<sup>39</sup> BARNES, Lee. Nationalism and Israel. 28 jul 2006. Disponível em: <http://www.bnp.org.uk>

<sup>40</sup> MUDDE, Cas. *The Ideology of the Extreme Right*. Manchester: Manchester University Press, 2000, p. 100.

<sup>41</sup> DEWINTER, Filip. Comunicação..., op. cit.

<sup>42</sup> Idem. Guess who’s coming to Seder. Dewinter’s Tale. *The New Republic: A Journal of Politics and the Arts*, Issue 4,801, Volume 236, 22 jan 2007, p. 13

<sup>43</sup> Idem. Right-wing party threatens to abolish Belgium. *The Daily Telegraph*, 17 maio 2003

liberdade religiosa, e estado de direito [no Médio Oriente]. É um paradoxo, mas até os Árabes em Israel têm mais direitos políticos e mais liberdade que os seus irmãos nos países árabes. Israel luta pela sobrevivência e segurança numa região que governada por ditadores sangrentos”.<sup>44</sup>

Em França, Marine Le Pen, a nova presidente da Frente Nacional desde Janeiro de 2011, e que jurou “de-demonizar” a imagem do partido, fez desde cedo aberturas à comunidade judaica francesa e, enquanto deputada do Parlamento Europeu, inscreveu-se na Delegação para as Relações com Israel. Ela esteve por detrás da decisão de enviar membros da Frente Nacional a uma manifestação em memória de um judeu francês assassinado num crime de ódio, e disse à comunicação social que queria pôr ponto final numa “série de mal-entendidos” entre o partido e a comunidade judaica, a qual, “nada tinha a temer da Frente Nacional”.<sup>45</sup> Numa outra ocasião afirmaria que “a comunidade francesa, que é cada vez mais vítima de ataques dos radicais islâmicos, deve poder contar com o nosso apoio”.<sup>46</sup> Esta demonstração de solidariedade para com os judeus levou a que vozes mais tradicionais a acusassem de tentar criar, juntamente com o partido flamengo Vlaams Belang, “um eixo de aproximação com a comunidade judaica para confrontar os muçulmanos”.<sup>47</sup> Guillaume Faye, um dos principais teóricos da Nova Direita francesa, apoia esta evolução e afirma que os que defendem uma identidade europeia deviam libertar-se de um “anti-judaísmo crónico” e obsessivo porque o perigo real é a colonização por parte do “terceiro mundo e do Islão”.<sup>48</sup> O simbolismo não poderia ser maior quando, em Dezembro de 2010, líderes de partidos anti-islâmicos da Áustria, Alemanha, Flandres e da Suécia visitaram Israel, prestaram tributo no memorial do holocausto, e fizeram uma exposição conjunta que ficou conhecida como a “declaração de Jerusalém” onde prometeram defender os valores Judaico-cristãos contra a “ameaça por parte do novo totalitarismo, o fundamentalismo islâmico”.<sup>49</sup>

Recentemente, algumas vozes no mundo académico têm defendido que os “muçulmanos” substituíram os “judeus” como o novo “Outro” transnacional nos discursos de exclusão no seio da União Europeia. “Bem-vindos à Europa, onde os judeus já não são perseguidos mas sim

<sup>44</sup> DEWINTER, Filip. Comunicação..., op. cit.

<sup>45</sup> Le Front national et le Mouvement pour la France de Philippe de Villiers courtisent la communauté juive. *Le Monde*, 3 mar 2006.

<sup>46</sup> Sympathy for the Devil? By Nicholas Simon. *The Jerusalem Report*, 10 jan 2005; ver também CHOMBEAU, Christiane. *Le Pen fille & père*, Paris: Éditions du Panama, 2007, p. 295-297

<sup>47</sup> *LE MONDE*, 3 mar 2006

<sup>48</sup> FAYE, Guillaume. *La Nouvelle Question Juive*. Paris : Les Editions du Lore, 2007, p. 240-44

<sup>49</sup> *DER SPIEGEL*. The German Geert Wilders. 1 jun 2011

venerados enquanto antepassados cosmopolitas”, observou Boyer.<sup>50</sup> Para Bunzl, a forma moderna de anti-semitismo já percorreu o seu caminho histórico, e, actualmente “simplesmente não há qualquer debate sobre a legitimidade da presença judaica na Europa”. Enquanto o anti-semitismo é algo do passado “concebido para proteger a pureza do estado-nação étnico, a Islamofobia é a forma de proteger o futuro da civilização europeia”.<sup>51</sup> Na opinião de outros autores, o anti-semitismo oferece um modelo real sobre a forma como, cada vez mais, os muçulmanos são encarados como eternos estrangeiros à cultura autóctone.<sup>52</sup> Contudo, e dentro do espírito de que “comparar não consiste em igualar”,<sup>53</sup> existem diferenças substanciais e óbvias que não devem ser subestimadas, entre o tratamento e estatuto conferido aos judeus no passado e a situação actual dos muçulmanos na Europa. E a verdade é que o anti-semitismo tradicional pode ressurgir de outras formas – numa forma de anti-sionismo violento, por exemplo – podendo até manifestar-se na violência anti-judaica perpetrada por jovens muçulmanos (observável na segunda Intifada Palestina 2000-2006).<sup>54</sup> No entanto, o reconhecimento crescente do contributo judeu para a cultura europeia por parte de alguns partidos da extrema-direita, e o subsequente apoio a Israel, *poderão* constituir evidência de que a demonização tradicional dos judeus ocupa agora a retaguarda numa nova estigmatização dos muçulmanos nos discursos de pertença e exclusão na Europa.

### *Para lá do nacionalismo?*

Há muito que o nacionalismo tem sido identificado com o cerne, e talvez a característica mais importante, dos partidos de extrema-direita.<sup>55</sup> Estes partidos anunciam-se com orgulho como as únicas e “autênticas” forças nacionais do país, e a maioria apresenta variantes da palavra

<sup>50</sup> BOYER, Dominic. Welcome to the New Europe. *American Ethnologist*, Volume 32, n. 4, 2005, p. 521-523

<sup>51</sup> BUNZL, Matti. *Anti-Semitism and Islamophobia: Hatreds Old and New in Europe*. Chicago: Prickly Paradigm Press 2007, p. 44- 45.

<sup>52</sup> Ver SILVERSTEIN, Paul A. Immigrant Racialization and the New Savage Slot: Race, Migration, and Immigration in the New Europe. *Annual Review of Anthropology*, 34, 2005, p. 366; KUNDNANI, Arun. Integrationism: The Politics of anti-Muslim Racism. *Race & Class*, Volume 48 (4), 2007, p. 30.

<sup>53</sup> SCHIFFER, Sabine & WAGNER, Constantin. Anti-Semitism and Islamophobia – new enemies, old patterns. *Race & Class*, Volume 52 (3), 2011, p. 78

<sup>54</sup> Sobre este assunto ver, por exemplo, GANOR, Boaz. An Intifada in Europe? A Comparative Analysis of Radicalization Processes among Palestinians in the West Bank and Gaza versus Muslim Immigrants in Europe. *Studies in Conflict & Terrorism*, vol 34, Issue 8, 2011, p. 587-599.

<sup>55</sup> MUDDE, Cas. Op. cit. p. 171.

“nação” nas suas designações. Tem sido observado que, no seio de alguns círculos intelectuais, tais como os que rodeiam a Nova Direita Europeia, o nacionalismo estava a ficar fora de moda, tendo sido substituído por uma aliança a uma fonte mais lata de identidade cultural, tal como Europa. Este desenvolvimento, contudo, não se limita a estes pequenos círculos, e o que defendo é que, apesar de concordar que o nacionalismo possa ter mais do que um centro de controlo,<sup>56</sup> a posição cimeira que os conceitos de “Europa” e “Ocidente” ocupam nos discursos da extrema-direita europeia justificam um olhar mais atento sobre a hipótese da “defesa” das comunidades originais por parte destes grupos se ter alargado cada vez mais a um nível europeu, não se restringindo às fronteiras ou territórios do país em causa.

Esta trajectória pode ser observada ao longo de todo o espectro de partidos da extrema-direita e intensificou-se nos últimos anos. De certa forma, este discurso pós-nacionalista centrado nas fronteiras e tradições europeias e ocidentais, vem complementar a perspectiva nacionalista, mas tem igualmente o potencial de lhe fazer concorrência. A ênfase colocada numa entidade mais alargada – Europa ou o Ocidente – emana tanto da necessidade colectiva de defesa dos europeus autóctones dos ataques da Nova Ordem Mundial e do seu *ethos* globalizante (que apaga tradições e raízes), como do medo da, e luta contra, a Islamização.

O tema recorrente da transformação da Europa numa nova entidade geopolítica dominada por muçulmanos chamada *Eurábia* está presente em muitos discursos. A obra da historiadora judia Bat Ye’or<sup>57</sup> assumiu-se como referência, e conceitos como *Eurábia* e *Dhimmitude* (referindo-se ao estatuto de sujeição dos cristãos e judeus sob governação Islâmica) fazem parte do vocabulário da extrema-direita (pode até dizer-se que penetraram também alguns sectores da direita inserida na corrente maioritária). Quando se lhe pediu que definisse o seu partido, Filip Dewinter, líder do Partido flamengo replicou: “Somos os defensores da civilização ocidental, com os seus dois pilares: judaísmo-cristianismo e a herança da antiga Grécia”. Bat Ye’or é apontada como aquela que foi capaz de denunciar a “viragem política vergonhosa” que levou as elites europeias e árabes a congeminares em conjunto a criação da *Eurábia*, e a afirmar que os “políticos europeus se ajoelham perante o Islão”. Bat Ye’or esclarece toda uma série de dinâmicas que se mantinham até então na sombra. Dewinter explica-o da seguinte forma: “Nunca percebi como é que os políticos europeus podiam ter as vistas tão curtas. Parece-me tão

<sup>56</sup> EATWELL, Roger. Introduction: The New Extreme Right Challenge. In: *Western Democracies and the New extreme Right Challenge*, Londres: Routledge, 2004, p. 1-16.

<sup>57</sup> BAT YE’OR. *Eurabia: The Euro-Arab Axis*. Madison, Nova Jersey: Fairleigh Dickinson University Press, 2005.

absurdo. Mais uma vez, Bat Ye'or explica como é que isto encaixa num padrão mais lato que visa a criação de uma nova entidade política chamada Eurábia. Não se trata apenas de fraqueza ou má decisão. Forma parte de um plano.” Dewinter acrescenta que “[E]stes políticos de orientação Eurábica pensam que podem consolidar o seu poder político através de uma aliança com o mundo muçulmano. Vendendo a Europa aos seus piores inimigos. Têm esperança que uma Eurábia forte possa servir de contrapeso ao poder dos Estados Unidos.” Este caminho da Eurábia está, assim, a conduzir a Europa à catástrofe: “Põe em causa a sobrevivência física das nossas nações europeias. Podemos acabar como o Líbano”.<sup>58</sup> A questão central aqui prende-se com a sobrevivência da Europa, e potencialmente de todo o Ocidente, com a ameaça à comunidade Flamenga como *parte* de uma luta mais vasta à escala europeia.

O tema Eurábico está igualmente a ganhar força no discurso do Partido Nacional Britânico. Aquando da morte da jornalista e polemista italiana Oriana Fallaci, o partido elogiou-a como tendo sido alguém que “desafiou a transformação civilizacional da Europa em Eurábia”.<sup>59</sup> Segundo Nick Griffin, líder do BNP, “Estamos profundamente preocupados acerca do projecto elitista, sobretudo francês mas não exclusivamente, de transformar a EU, a Turquia e o Magrebe na ‘Eurábia’”. Bat Ye'or está 100% certa em relação a este ponto.<sup>60</sup> Num artigo sobre os motins em França em Novembro de 2005, Griffin descreveu o seu partido como estando na “vanguarda” da “luta entre o Ocidente e o Islão”, pois se o partido falhar a sua missão, “a Europa deixará de o ser, e os nossos netos amaldiçoar-nos-ão na sua condição de *dhimmi* enquanto prestam eterno tributo e sofrem opressão, injustiça, humilhação e violação intermináveis nos territórios que no passado pertenceram aos seus antepassados livres”.<sup>61</sup> Como escreveu um colunista do BNP, “Trata-se, de facto, do início da Quarta Guerra Mundial, que tem as suas raízes na vitória de Carlos Martel sobre o Islão na Batalha de Tours em 732 DC. O Islão desperta uma vez mais, e o Ocidente tem que acordar também”.<sup>62</sup> O programa eleitoral do partido nas eleições legislativas de 2010 dedicou uma secção inteira à “colonização islâmica”. Nele, a história da Europa é retratada como uma luta sem tréguas, imemorable, contra o Islão. Mas se no passado tentou conquistar-se a Europa pela força, “desta vez as armas não são mais as espadas e os canhões: são os passaportes, os vistos, a corrupção dos regimes

<sup>58</sup> DEWINTER, Filip. Comunicação..., op. cit.

<sup>59</sup> BNP – British National Party. The passing of a great lady. 18 set 2006. Disponível em: <http://www.bnp.org.uk>

<sup>60</sup> GRIFFIN, Nick. The British National..., op. cit.

<sup>61</sup> Idem. The European Intifada... op. cit.

<sup>62</sup> BARNES, Lee. Op. cit.

Ocidentais que permitiram a imigração do Terceiro Mundo, e os berços dos bebês.”<sup>63</sup>

A Liga do Norte em Itália partilha uma visão semelhante relativamente à necessidade de defender a Europa e o Ocidente dos desígnios “imperialistas” do Islão. Roberto Calderoli, alto dirigente da Liga do Norte, condenando a renúncia do Ocidente às “nossas raízes, identidade e cultura cristãs”, defendia no jornal do partido a necessidade de mover contra o Islão “cruzadas de povos Ocidentais que ainda se recordam da batalha de Lepanto”.<sup>64</sup> Quando a ameaça islâmica – tanto em termos de “colonização” como de terrorismo – é discutida na literatura do partido, é tipicamente apresentada como um perigo não apenas para a comunidade, como para os povos europeus e ocidentais. O partido arroga-se o papel de protector supremo do Ocidente contra o Islão. Afinal, “fomos os primeiros e lançar o alarme sobre o perigo que o Islão representa, e a sua hostilidade inerente contra o Ocidente”.<sup>65</sup> “Tal como apregoava Oriana Fallaci”, comentava um membro do partido, “temos que demonstrar orgulho em sermos ocidentais, cristãos e padanos”.<sup>66</sup> Mogens Camre, que foi deputado do Parlamento Europeu pelo partido nacionalista da Dinamarca (o Partido do Povo Dinamarquês), refere igualmente que a necessidade de combater o “perigo real da Islamização da Europa” é a prioridade máxima. De forma explícita, ele enquadra o discurso em termos de uma identidade Europeia colectiva, afirmando “pensamos que os países islâmicos fazem parte da Idade Média, e não consentiremos que os nossos países democráticos sejam destruídos por pessoas que querem governar o mundo segundo um livro escrito no Médio oriente nos séculos VII e VIII”.<sup>67</sup>

Relativamente ao perigo da “islamização”, um representante do Partido da Liberdade Austríaco afirma, numa entrevista, a existência de “uma ameaça real relativamente à integridade cultural das nações e povos europeus, das suas tradições e culturas...[e] quando a Islamização põe em perigo as nossas leis, normas, hábitos e tradições, tem que ser revertida”, acrescentando que “os países islâmicos têm que conceder direitos aos cristãos nos seus países idênticos aos que a Europa confere aos muçulmanos que integram a nossa sociedade”.<sup>68</sup> Simultaneamente, quando foi anunciado um novo partido pan-europeu por quatro líderes

<sup>63</sup> BNP – BRITISH NATIONAL PARTY. *Democracy, Freedom, Culture and Identity: General Elections Manifesto 2010*. 2010, p. 30. Disponível em: <http://bnp.org.uk/manifesto>

<sup>64</sup> *LA PADANIA*, 8 jul 2005.

<sup>65</sup> Idem, op. cit.

<sup>66</sup> Ibidem.

<sup>67</sup> CAMRE, Mogens. Comunicação por e-mail. 31 de Outubro, 2006.

<sup>68</sup> STELZL, Robert. Comunicação por e-mail. 20 de Outubro, 2006

da direita nacionalista (da Áustria, França, Bélgica e Bulgária) a ambição era a de salvar a Europa do duplo mal da “Globalização e Islamização”. “Patriotas de todos os países da Europa uni-vos!”, exortava o líder do Partido da Liberdade austríaco na conferência onde esses planos foram anunciados.<sup>69</sup> A europeização do tema revela-se assim também na emergência de redes Pan-europeias contra o perigo islâmico. “Cidades contra a islamização,” por exemplo, afirma na sua carta fundadora (de 2008), que “a islamização não é um problema local. É um fenómeno que está a ocorrer em quase todos os países e cidades europeias ocidentais,” e por isso, as organizações envolvidas comprometem-se a coordenar iniciativas e manifestações nesse sentido.<sup>70</sup> Sintomático notar que a proibição suíça, no final de 2009, através de um referendo, da construção de minaretes no seu território, foi encarada como uma vitória “europeia” e não apenas da nação helvética. Como afirmou Filip Dewinter, “como Guilherme Tell [herói medieval lendário] no passado, o gesto suíço simboliza a resistência de muitos povos europeus contra uma invasão estrangeira. O Islão, com os seus minaretes e mesquitas, não pertence à Europa”.<sup>71</sup> Os minaretes são denunciados por parte dos partidos anti-islâmicos como “símbolos de conquista territorial” (na expressão do BNP),<sup>72</sup> e a sua proibição faz parte dos vários programas políticos, desde o Vlaams Belang a partidos mais recentes, como o *Die Freiheit* (Partido da Liberdade), na Alemanha, fundado em 2010, e liderado por um antigo Democrata-cristão, René Stadtkewitz.

No cerne dos partidos políticos vulgarmente descritos como de “extrema-direita”, o nacionalismo é ainda a força predominante. Contudo, é impossível ignorar a viragem crescente rumo a dinâmicas e argumentos pós-nacionalistas no discurso de muitos desses partidos. Os exemplos que aqui se apresentam reforçam esta percepção. É como se existisse uma relação directa entre as suas preocupações relativamente à comunidade islâmica (ou *umma*) unida pela fé e costumes, e a necessidade desses mesmos partidos se apresentarem como representantes e defensores de primeira linha de uma comunidade transnacional europeia (e ocidental), *igualmente* unida por uma fé e valores (cristãos) comuns.

Esta dinâmica apresenta-se de forma explícita, por exemplo, na forma como a potencial (e cada vez mais improvável) adesão da Turquia

<sup>69</sup> Right-Wing Leaders to Form a European “Patriotic” Party. *Deutsche Welle*. 26 jan 2008.

<sup>70</sup> Charter. *CITIES AGAINST ISLAMISATION*, 2009. Disponível em: <http://www.citiesagainstislamisation.com>

<sup>71</sup> DEWINTER, Filip. Filip Dewinter Congratulates Swiss Voters on Outcome Minaret Referendum. 8 dez 2009

<sup>72</sup> BNP – BRITISH NATIONAL PARTY. *Democracy, Freedom, Culture and Identity: General Elections Manifesto 2010*, p. 34, op. cit.

à EU é retratada pela extrema-direita europeia. Muitos dos materiais de propaganda contra a entrada da Turquia, produzidos por vários partidos, representam um Crescente ameaçador pairando sobre o mapa da Europa, com o título “Turquia Não!” Uma das formas utilizadas pelo FPÖ (Partido da Liberdade Austríaco) para promover uma imagem anti-sistema nas eleições parlamentares de 2006 foi afirmar repetidamente que, ao contrário dos partidos dominantes, opunha-se à entrada da Turquia na UE.<sup>73</sup> O “projecto europeu” alternativo avançado pelo ex-líder da Frente Nacional francesa, Jean-Marie Le Pen, assenta “num grupo de povos pertencentes a uma civilização Cristá [e] que partilham uma cultura comum”,<sup>74</sup> o que efectivamente exclui qualquer país muçulmano (como a Turquia). Erguendo o espectro de uma “verdadeira invasão islâmica da Europa” na eventualidade da adesão da Turquia à União Europeia, a Liga do Norte tem vindo a fazer uma campanha incessante por um referendo popular que “permita que todos os cidadãos tenham uma palavra a dizer num assunto histórico que selará o destino dos nossos povos”.<sup>75</sup> Há quem defenda que o debate em torno da adesão da Turquia transformou este país no “outro” em termos de auto-definição do que costumava ser considerado europeu.<sup>76</sup> Mais precisamente, Casanova escreveu que depois de mais de trinta anos de imigração oriunda de territórios fora da Europa, a questão turca faz parte de um assunto mais vasto no qual o “Islão” é identificado como o “outro absoluto”.<sup>77</sup> Contudo, a rejeição do Islão pelos partidos de extrema-direita é desvalorizada pelo mesmo autor como sendo meramente “nativista” e “nacionalista”.<sup>78</sup> Tal como tentei demonstrar nesta secção, poder-se-ia acrescentar uma terceira dimensão “europeísta”, independentemente do facto de esta “Europa” ser muito diferente da actualmente promovida por Bruxelas.

O conceito de “identidade europeia” alargada – que vai além da mera ligação aos países de origem – partilhado por estes partidos, está seguramente associado ao papel de destaque que o Islão desempenha como “o outro” nos discursos contemporâneos sobre o que “significa” ser-se europeu no século XXI.

<sup>73</sup> Ver o texto do partido em : [http://www.hcstrache.at/bilder/inserte/ins\\_kleine\\_EU.pdf](http://www.hcstrache.at/bilder/inserte/ins_kleine_EU.pdf). e em: [http://www.hcstrache.at/bilder/kampagne/Duell\\_um\\_Oesterreich\\_CityLi.jpg](http://www.hcstrache.at/bilder/kampagne/Duell_um_Oesterreich_CityLi.jpg)

<sup>74</sup> LE PEN, Jean-Marie. Le Bourget – Projet Presidential. 12 nov 2006. Disponível em: [http://www.frontnational.com/doc\\_interventions\\_detail.php?id\\_inter=51](http://www.frontnational.com/doc_interventions_detail.php?id_inter=51)

<sup>75</sup> *LA PADANIA*, 1 mar 2005.

<sup>76</sup> GÖLE, Nilüfer. Europe’s Encounter with Islam: What Future? *Constellations*, Volume 13, n. 2, 2006, p. 255.

<sup>77</sup> CASANOVA, José. The Long, Difficult, and Tortuous Journey of Turkey into Europe and the Dilemmas of European Civilization. *Constellations*, Volume 13, n. 2, 2006, p. 242

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 243

## Da periferia para o centro?

A questão da adopção pela direita dominante ou *mainstream* de temas que previamente “pertenciam” aos partidos da extrema-direita (tal como os que dizem respeito à lei e à ordem pública, ou imigração, por exemplo) tem sido tratada com alguma regularidade pela literatura sobre a extrema-direita.<sup>79</sup> Hainsworth publicou um livro sobre estes partidos, com o revelador subtítulo “Das margens para a corrente maioritária”, no qual conclui afirmando que “numa variedade de situações, influenciaram as agendas, políticas e discursos dos principais partidos e governos”.<sup>80</sup>

Nesta secção, descreverei as formas como a crescente importância do assunto do “Islão” trouxe efectivamente para a corrente principal opiniões e políticas previamente encaradas como excessivamente “extremistas” e relegadas para a periferia do espectro político pelos partidos do centro.

Mas antes de ilustrar e discutir este ponto, incidirei sobre outra consequência de extrema importância que este ênfase no Islão teve para a extrema-direita. Com efeito, nos últimos anos temos assistido a uma assimilação crescente por estes partidos de um número de assuntos que são “respeitáveis”, moralmente convincentes para uma maioria substancial da opinião pública, e que assentam em atitudes e formas de pensar relativamente consensuais. Em resumo, a extrema-direita tem cooptado temas que a grande maioria dos políticos pertencentes ao *mainstream*, tanto da esquerda como da direita, têm dificuldade em discordar. Este desenvolvimento dificultou a distinção entre o que constitui “corrente dominante” e o que deveria ser categorizado com “extremo”, tornando-a, por vezes, irremediavelmente turva.

A situação das mulheres nas comunidades muçulmanas – e o tema dos direitos das mulheres em geral – ilustra bem este ponto. Quando se discute a situação das mulheres no Islão, a extrema-direita europeia avança argumentos que, num passado não muito distante, seriam consideradas posições exclusivas dos grupos progressistas feministas do Ocidente. A extrema-direita tem estado activamente visível na sua rejeição de várias práticas culturais associadas ao Islão – desde a utilização do véu islâmico e aos casamentos forçados, aos crimes de honra e à mutilação genital feminina, recorrendo a argumentos semelhantes aos esgrimidos pelos grupos

<sup>79</sup> HOSSAY, Patrick, & ZOLBERG, Aristide. *Democracy in Peril? In: Shadows over Europe: The Development and Impact of the Extreme Right in Western Europe*, Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2002, p 301-313.

<sup>80</sup> HAINSWORTH, Paul. Introduction: The Extreme Right. In: *The Politics of the Extreme Right: From the Margins to the Mainstream*, Londres: Pinter, 2000, p.14

pertencentes ao *mainstream* que denunciam desigualdades e discriminação contra as mulheres. Esta evolução está presente em todo o continente. Mogens Camre, do partido nacionalista dinamarquês, afirmou que “os véus islâmicos e as burkas discriminam as mulheres. O seu efeito real é manter as mulheres afastadas da sociedade e impedi-las de obter liberdade e igualdade. Nenhuma sociedade se pode desenvolver sem que haja igualdade e liberdade para as mulheres”.<sup>81</sup> Um dos livros mais populares na Dinamarca, intitulado *Islamistas e Ingênuos*, foi escrito em co-autoria por duas figuras da corrente principal política do país (ambos sociais democratas, uma delas feminista), e denuncia os impulsos “totalitários” do Islão e a sua reivindicação em controlar todos os aspectos das vidas dos seus apoiantes, especialmente das mulheres. Como observava um dos autores “Se uma mulher não usar o véu, os islamistas exercerão uma pressão máxima e recorrerão à violência para assegurar que ela o usa. É essa tentativa zelosa de aplicar os princípios islamistas que o torna tão autoritário quanto o nazismo ou o comunismo”.<sup>82</sup>

Nos últimos anos, o tema da “opressão das mulheres” no seio do Islão tornou-se um dos principais temas da literatura da Liga do Norte de Itália. Para a Liga, a condição das mulheres muçulmanas é um sinal revelador do “atraso” do Islão e é incompatível com os costumes e atitudes morais de uma civilização ocidental superior que se bate pela igualdade dos géneros. Um deputado do partido observava que o estilo de vida ocidental “assenta em [noções de] democracia civilizada e respeito pelos outros... enraizadas no ADN de cada cidadão”, enquanto o estilo de vida no Islão “se baseia em tradições bárbaras tais como a *sharia*, a pena de morte, a lei de talião... infibulação, poligamia, a ideia que no seio das famílias os homens são superiores às mulheres. Todas estas tradições são bárbaras”.<sup>83</sup> Quando o parlamento italiano se recusou a tomar uma decisão relativamente a uma moção apresentada pela coligação Liga do Norte sobre “violações contra a liberdade das mulheres em nome da religião”, uma deputada do partido demonstrou o seu ultraje declarando que “para não ofender susceptibilidades islâmicas” o parlamento decidiu ignorar o facto de “no nosso país existem mulheres e crianças que são ‘escravizadas’ ou sujeitas a restrições pessoais ou forçadas [a aceitarem] poligamia em nome de uma crença religiosa que não reconhece o princípio da igualdade entre homens e mulheres”.<sup>84</sup> O Partido Nacional Britânico interveio igualmente a favor dos direitos das mulheres,

<sup>81</sup> CAMRE, Mogens. Op. cit.

<sup>82</sup> Danish wake-up call on Islam. *International Herald Tribune*, 25 set 2006; Dane’s Anti-Immigrant Backlash Marks Radical Shift. *National Public Radio*. 21 nov 2006.

<sup>83</sup> *LA PADANIA*, 2006, op. cit.

<sup>84</sup> LUSSANA, Carolina. Unione vergognosa su mozione Cdl contro violazione della libertà delle donne. 20 fev 2007. Disponível em: [http://www.gruppopoliticofemminile.leganord.org/lussana/mozione\\_cdlpreccetti\\_religiosi\\_20207.pdf](http://www.gruppopoliticofemminile.leganord.org/lussana/mozione_cdlpreccetti_religiosi_20207.pdf)

especificamente no contexto dos relatórios na comunicação social sobre a criação de tribunais *Sharia* e a existência de um sistema legal bipartido no Reino Unido.<sup>85</sup> O BNP acusou a comunicação social, particularmente a BBC, de ignorância face “ao abuso que as mulheres e as minorias sofrem às mãos das leis *Sharia* no mundo inteiro”, acrescentando: “as mulheres são espancadas, violadas, assassinadas, mutiladas e oprimidas pela ‘cultura’ muçulmana e a lei inglesa nunca deveria voltar as costas a estes membros vulneráveis da sua sociedade.” Tal como a Liga do Norte, o BNP sublinha a igualdade de géneros na sua denúncia do Islão. O partido avisa que, se o governo não conseguir impedir que a lei islâmica se imponha, tal “constituirá uma aleivosia e uma refutação directa da moral ocidental, que prevê que todos os indivíduos sejam iguais e tratados em pé de igualdade aos olhos da lei”.<sup>86</sup>

O debate em torno do uso do véu islâmico nas escolas públicas francesas constitui exemplo de um tema que combina as questões aliadas à separação entre Igreja e Estado com as da igualdade de géneros, e que mobilizou numa frente comum forças distintas do espectro político, desde a extrema-direita aos feministas e progressistas. Por exemplo, uma das apoiantes mais fortes da abolição do *hijab* foi uma feminista de destaque, Elisabeth Badinter, que denunciou o lenço como símbolo da “opressão de um sexo” incompatível com a tradição ocidental de emancipação da mulher.<sup>87</sup> Um socialista e antigo presidente do *SOS Racisme* defendeu uma política de esquerda de quotas de imigração, e a imposição, a título de pré-condição para potenciais imigrantes, de respeito tanto pela “*laïcité*” [secularismo] como pela igualdade de géneros.<sup>88</sup> Assim, não nos devemos surpreender quando Jean-Marie Le Pen, nos seus discursos, apelava repetidamente à necessidade de aplicar o princípio da separação entre a Igreja e o Estado, ao mesmo tempo que condenava as medidas adoptadas pelo governo francês<sup>89</sup> para “institucionalizar” o Islão no país. Estas medidas, afirmou Le Pen, assinalaram o fim do princípio da *laïcité* e a fase inicial do financiamento oficial do Islão em França sob a pressão exercida pela sua florescente “força demográfica e migrante”.<sup>90</sup>

<sup>85</sup> Veja-se, por exemplo, *The Daily Telegraph*, 29 nov 2006.

<sup>86</sup> BNP – British National Party. Islamic law taking hold in Britain. 5 fev 2007.

<sup>87</sup> FEKETE, Liz. Enlightened Fundamentalism? Immigration, feminism and the Right. *Race&Class*, Volume 48 (2), 2006, p. 17.

<sup>88</sup> CAEIRO, Alexandre. France. In: *Secularization and Religious Divides in Europe*, 6º PCRD for the European Commission, 2006, p. 206.

<sup>89</sup> Assim como por outros governos: LAURENCE, Jonathan. Managing Transnational Islam: Muslims and the State in Western Europe. In: *Immigration and the Transformation of Europe*, New York: Cambridge University Press, 2006, p. 253-275.

<sup>90</sup> LE PEN, Jean-Marie. Discours de Jean-Marie Le Pen à Valmy,” 20 set 2006. Disponível em: [http://www.frontnational.com/doc\\_interventions\\_detail.php?id\\_inter=43](http://www.frontnational.com/doc_interventions_detail.php?id_inter=43)

A necessidade de manter uma neutralidade religiosa e cultural nas escolas públicas foi igualmente avançada pelo Partido da Liberdade na Áustria como motivo para banir o uso de lenços, tanto por professoras como por alunas.<sup>91</sup> O Partido do Povo Dinamarquês esteve por trás de uma proposta que pretendia banir adereços de cabeça “culturalmente específicos”, excepto no caso de manifestações culturais que reflectissem uma origem judaico-cristã.<sup>92</sup> Já a Liga do Norte lidera, em Itália, a luta contra qualquer tentativa de remoção de símbolos cristãos das escolas, defendendo ainda que a constituição italiana devia reforçar, de forma explícita, a “identidade cristã” do país, como forma de impedir a “ocupação” muçulmana das instituições públicas.<sup>93</sup>

A crescente atenção política sobre o Islão tem-se manifestado igualmente na oposição feroz ao ritual de abate de animais – particularmente a produção de carne *halal*, a única permitida pela lei *Sharia* – um tema de destaque nos discursos da extrema-direita. Nesta oposição, estes movimentos têm-se juntado frequentemente aos grupos defensores dos direitos dos animais no protesto contra a comida *halal*, acusando-a de fomentar um método de abate desumano e bárbaro. O Partido Nacional Britânico tem estado activo nesta frente, chegando até a anunciar em primeira mão que a carne *halal* era servida em muitas escolas do país devido a um número crescente de alunos muçulmanos. O partido citou um relatório elaborado por um grupo de defensores dos direitos dos animais, argumentando que este método causava grande sofrimento aos animais. Um representante do BNP acrescentou que “não gostamos mesmo nada da forma como estes animais são mortos”.<sup>94</sup> O partido afirmou que não só “este é um assunto que tem a ver com o bem-estar dos animais” mas também “os pais têm o direito de saber se os seus filhos estão, sem o saberem, a ser alimentados com carne proveniente de animais abatidos em rituais”.<sup>95</sup> O Partido do Povo Dinamarquês lançou uma campanha com o objectivo de banir o abate *halal* porque “qualquer consideração sobre as minorias religiosas não se devem sobrepor às considerações acerca dos animais”.<sup>96</sup> Acusações semelhantes de crueldade para com os animais e apelos tanto por parte da extrema-direita como por parte das organizações protectoras dos animais à abolição do abate ritualizado foram reportadas

<sup>91</sup> IHF – International Helsinki Federation for Human Rights. *Intolerance and discrimination against Muslims in the EU – Developments since September 11*. 2005, p. 35. Disponível em: [http://www.ihf-hr.org/documents/doc\\_summary.php?sec\\_id=58&d\\_id=4029](http://www.ihf-hr.org/documents/doc_summary.php?sec_id=58&d_id=4029)

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>93</sup> *LA REPUBBLICA*, 10 set 2005.

<sup>94</sup> BNP – British National Party. Parents shock as halal meat served in schools. 21 set 2006.

<sup>95</sup> BNP – British National Party. BNP forces halal meat review in Worcestershire, 13 out 2006

<sup>96</sup> IHF. Op. cit. p. 59

na Áustria,<sup>97</sup> Itália,<sup>98</sup> e em França.<sup>99</sup> E nos Países Baixos, em Junho de 2011, o Partido pelos Animais viu a sua proposta de proibição do sacrifício ritual dos animais para consumo humano aprovada pelo parlamento, contando, entre outros, com os votos favoráveis do partido da extrema-direita, o Partido da Liberdade, liderado por Geert Wilders. Finalmente, embora essa tendência esteja longe de ser uniforme, o combate à presença islâmica na Europa, também tem sido feita, nalguns casos, através da defesa das comunidades *gays*, ameaçadas pela intolerância e atavismo do Islão.<sup>100</sup>

Simultaneamente, devido à pressão que a “questão islâmica” exerce sobre as sociedades contemporâneas, “os partidos no governo” canalizaram políticas públicas e orientaram discursos para posições que, anteriormente, teriam sido vistas como sendo extremistas e exclusivistas. A título de exemplo, veja-se a importância crescente que as normas e valores culturais detêm nas discussões sobre imigração, identidades nacionais e sentido de pertença nacional em toda a Europa. Nos últimos vinte anos, tem sido defendido que os partidos contemporâneos de extrema-direita já não mantêm as posições racistas clássicas nas suas atitudes discriminatórias e exclusivistas relativamente a outros indivíduos e comunidades. Taguieff descreveu esta transformação no seio da extrema-direita, que passou do “racismo biológico” (baseado na desigualdade e hierarquia das raças) para uma nova forma de racismo “diferencialista”, onde a exclusão assenta nas diferenças culturais. Este novo racismo cultural defende “o direito à diferença” dentro do qual as distintas culturas, encaradas como “totalidades” incomensuráveis, precisam de ser preservadas e separadas de forma a não corromper a “autenticidade” e “integridade” de cada uma. Este ponto de vista encara os grupos culturalmente distintos como estrangeiros, cuja absorção atribui à sociedade predominante uma tarefa inglória e potencialmente desastrosa.<sup>101</sup> A distinção que Taguieff introduz, desde que foi formulada pela primeira vez, tem sido amplamente utilizada nos estudos sobre a

<sup>97</sup> IHF. Op. cit. p. 37

<sup>98</sup> GUOLO, Renzo. I Nuovi Crociati: La Lega e L'Islam. *Il Mulino*, n. 391, set/out 2000, p. 898

<sup>99</sup> IHF. Op. cit. p. 74

<sup>100</sup> Veja-se como a *English Defense League*, um movimento social anti-islâmico, fundado em 2009, activo em Inglaterra, tem uma divisão *gay* (e, acrescente-se, outra judia). Geert Wilders, líder do partido da Liberdade holandês, fundado em 2006, tem atacado os muçulmanos pela sua intolerância anti-gay. Mas na Holanda, e para lá da Holanda, foi Pim Fortuyn (assassinado em 2003) o pioneiro desta linha de argumentação, antecipando muitos dos temas anti-islão (como o seu carácter anti-liberal e anti-moderno) que posteriormente vieram a ser adoptados por outros grupos de “resistência” à islamização na Europa. Ver AKKERMANS, F. Anti-Immigration Parties and the Defence of Liberal Values: The Exceptional Case of the List Pim Fortuyn. *Journal of Political Ideologies*, 10 (3), 2005, p. 337-354.

<sup>101</sup> TAGUIEFF, Pierre-André. *Sur la Nouvelle Droite: Jalons d'une Analyse Critique*, Paris: Descartes&Cie 1994, p. 96-106

extrema-direita na Europa e fora dela.<sup>102</sup> De forma semelhante, Stolcke acrescentou a noção de “fundamentalismo cultural” ao debate sobre grupos racistas e anti-imigrantes. Esta forma de exclusão baseia-se na assunção que as culturas são incomensuráveis, com a ressalva que, por contraste às teorias racistas, o fundamentalismo cultural “tem uma certa abertura que deixa espaço a que os imigrantes que assim o desejam, possam viver no nosso seio, e assimilarem a nossa cultura”.<sup>103</sup> Já Gündüz chama-lhe “justificação cultural”, ou seja, a primazia da cultura como categoria analítica de compreensão dos imigrantes e dos problemas que os afectam.<sup>104</sup>

Contudo, à medida que o século XXI avança, não pode deixar de se observar a *revitalização cultural* que tem vindo a tomar conta das principais correntes políticas europeias. Apesar da existência anterior de uma ênfase nos aspectos culturais (veja-se, por exemplo, a relutância da Alemanha, de muitos anos, em conceder cidadania aos *gastarbeiter*, muitos dos quais são Turcos), especialmente a partir da década de noventa, a ênfase nos aspectos culturais no que se refere à imigração, tanto a nível das principais políticas como nos discursos, tem sido conspícua. Num artigo publicado em 1997, o politólogo Giovanni Sartori chamou a atenção para os desafios que a imigração em massa colocava às comunidades europeias, especialmente as provenientes dos países islâmicos. Numa referência ao perigo que os “culturalmente estranhos” representavam, Sartori escreveu que os “estranhos que não estão dispostos a dar em troca o que recebem, que decidem permanecer ‘estrangeiros’ ao ponto de desafiarem as leis dos países que os acolhem, arriscam-se a ser alvo de medo, rejeição e hostilidade.”<sup>105</sup>

Estes argumentos têm sido reforçados após os ataques terroristas dos extremistas muçulmanos, tanto na América como na Europa. Modelos de integração muçulmana – desde as multiculturais (no Reino Unido e nos Países Baixos) às centralizadas na assimilação (tal como

<sup>102</sup> HAINSWORTH 2000, *op. cit.*; JOHNSON, Carol, PATTEN, Steve, & BETZ, Hans-Georg. “Identitarian Politics and Populism in Canada and the Antipodes”. In: *Movements of Exclusion: Radical Right-Wing Populism in the Western World*, Nova Iorque: Nova Science Publishers, 2005, p. 85-100.

<sup>103</sup> STOLCKE, Verena. New Rhetorics of Exclusion in Europe. *International Social Science Journal*, Volume 51, n. 159, 25-35 mar 1999, p. 30; ver também BETZ, Hans-Georg & MERET, Susi. Revisiting Lepanto: the political mobilization against Islam in contemporary Western Europe. *Patterns of Prejudice*, volume 43, Numbers 3-4, July, 2009, p. 316-1

<sup>104</sup> GÜNDÜZ, Zuhul Yesilyurt. The European Union at 50—Xenophobia, Islamophobia and the Rise of the Radical Right. *Journal of Muslim Minority Affairs*, Volume: 30, Issue: 1, 2010, p. 40-45

<sup>105</sup> SARTORI, Giovanni. Understanding Pluralism. *Journal of Democracy*, Volume 8, n.4, out 1997, p. 68-69.

acontece em França) – têm sido postos em causa e reprovados devido à realidade inevitável do aumento crescente de comunidades separadas que não se integram, e que muitas vezes se recusam a fazê-lo, chegando a mostrar-se manifestamente hostis às normas e valores da sociedade mais lata.

A percepção crescente do perigo que o extremismo islâmico representa para as sociedades civis da Europa criou uma necessidade política de intervenção, em nome da segurança nacional. Assim, dentro deste revivalismo cultural, residem preocupações não só sobre o esboroamento cultural da Europa, mas também sobre a necessidade premente de fazer face à actividade de células terroristas islâmica em solo europeu. Este constituiu o ponto de partida para uma onda de novas políticas em relação aos imigrantes e recém-chegados que emergiu em toda a Europa, e não só exigiu, mas muitas vezes impôs, a obrigatoriedade de “integração” e de aceitação das normas e valores “autóctones” como *condição para ingressar ou permanecer no país*. Estas políticas estão intimamente associadas a uma tónica mais acentuada na identidade “nacional” e valores aos quais os imigrantes têm que demonstrar a sua lealdade. Esta reafirmação apressada da identidade nacional e dos valores liberais não só proveio dos conservadores,<sup>106</sup> como permeou todo o espectro ideológico. O progressista David Goodhart defende que a esquerda deve abandonar “a falácia que o nacionalismo e sentimento nacional é apenas e necessariamente uma força beligerante e xenófoba”.<sup>107</sup> Esta questão tem óbvias consequências para os regimes democráticos. Até porque nos países onde existe uma desconexão entre a percepção popular da identidade nacional como hereditária (descendência, nascimento no país, etc.) e políticas governamentais que facilitam a obtenção da nacionalidade, a confiança no sistema político diminui consideravelmente.<sup>108</sup> Aliás, dados empíricos têm mostrado que, mais do que simples factores económicos, é sobretudo o desejo de protecção da identidade nacional e cultural, que está na base das preocupações de muitos activistas da extrema-direita relativamente à questão da imigração.<sup>109</sup>

Deste modo, é verdade que as políticas de integração cívica adquiriram uma natureza (coerciva) de obrigatoriedade.<sup>110</sup> Os Países Baixos iniciaram este processo, através da revisão de uma lei de integração

<sup>106</sup> FUKUYAMA, Francis. Identity, Immigration, and Liberal Democracy. *Journal of Democracy*, vol. 17, n. 2, abr 2006, p. 12-19.

<sup>107</sup> GOODHART, David. *Progressive Nationalism: Citizenship and the Left*. Londres: Demos 2006, p. 13.

<sup>108</sup> MCLAREN, Lauren. National Identity and Political Trust. *Policy Network*, 1-5 jun 2011

<sup>109</sup> BARTLETT, Jamie & BIRDWELL, Jonathan & LITTLER, Mark. *The New Face of Digital Populism*. London: Demos, 2011, p. 55.

<sup>110</sup> JOPPKE, Christian. Beyond National Models: Civic Integration Policies for Immigrants in Western Europe. *West European Politics*, Volume 30, n. 1, 1-22 jan. 2007, p. 5.

já existente, e avisando os recém-chegados que deviam “conhecer os valores holandeses e acatar as normas do país”. Os imigrantes são actualmente obrigadas a passar um teste de imigração que inclui um DVD que mostra homossexuais e mulheres nuas.<sup>111</sup> Esses testes de cidadania, desconhecidos na Europa durante muito tempo, estão a tornar-se a norma. Na Dinamarca, o *website* do Ministério da Integração dá instruções aos potenciais cidadãos para “trabalhar, pagar os impostos, não agredir as crianças, e demonstrar respeito pela igualdade de direitos entre os sexos”.<sup>112</sup> O Reino Unido introduziu uma cerimónia de cidadania de tipo americano, e começou a utilizar testes de cidadania. Estas medidas foram precedidas por um debate vigoroso, durante o qual os políticos pertencentes à corrente dominante, tanto da esquerda como da direita, defenderam a necessidade de uma afirmação mais assertiva dos valores nacionais “essenciais”. O antigo ministro trabalhista da Administração Interna David Blunkett jurou “proteger os direitos e deveres de todos os cidadãos e confrontar as práticas e crenças que os limitam, sobretudo as mulheres. A esquerda tem que ser coerente na sua defesa dos valores essenciais, em vez de se recolher num relativismo moral quando o seu compromisso é posto em causa”.<sup>113</sup> Num editorial, o conservador David Davis, na altura ministro-sombra da Administração Interna, colocava a questão: “será que vamos estabelecer os compromissos necessários para preservar as liberdades, a tolerância, o dar e receber, que caracteriza a sociedade mais aberta, vital e criativa da história? Ou iremos permitir a fragmentação de lealdades, a divisão de comunidades, que corroerão os alicerces dessa mesma sociedade?”<sup>114</sup> Tem havido uma crescente discussão pública sobre práticas que não fazem parte da cultura actual britânica, como, por exemplo, os casamentos forçados (particularmente entre primos direitos muçulmanos), e um membro do governo trabalhista lançou o alarme sobre os perigos “genéticos” da endogamia.<sup>115</sup> A França, sob iniciativa do então Ministro do Interior Nicolas Sarkozy, adoptou um “contrato de integração social” obrigatório (com o objectivo de combater a endogamia étnica) para todos os novos imigrantes. Para além disso, antes de se candidatarem a um visto de residência permanente, os imigrantes em França têm que provar que estão “bem integrados” na sociedade francesa, o que, entre outras coisas, significa que o candidato precisa de agir em conformidade com os princípios da República Francesa.<sup>116</sup> Como sinal da mudança dos tempos

<sup>111</sup> FEKETE, Liz. Op. cit, p. 4

<sup>112</sup> Idem, p. 3

<sup>113</sup> BLUNKETT, David. It's not about cricket tests. *The Guardian*, 14 dez 2001.

<sup>114</sup> DAVIS, David. Do Muslims really want apartheid here? *The Sunday Telegraph*, 15 out 2006.

<sup>115</sup> *DAILY TELEGRAPH*, 17 fev 2008.

<sup>116</sup> JOPPKE 2007, op. cit., 9-12; France's New Law: Control Immigration Flows, Court the Highly Skilled, MPI – Migration Policy Institute, nov 2006.

e do que é agora aceitável propor relativamente às políticas de integração para os imigrantes na Europa, Sarkozy prometeu (e cumpriu), durante a campanha para as presidenciais em 2007, criar um Ministério para a Imigração e Identidade Nacional. Isto fez com que Jean-Marie Le Pen o acusasse de exercer “proxenetismo” nos terrenos da Frente Nacional.<sup>117</sup> A primeira lei apresentada pelo novo ministério tinha por alvo os estrangeiros que queriam reunir-se às suas famílias, e introduziu testes para determinar o conhecimento da língua francesa, história e os “valores republicanos” dos futuros imigrantes.<sup>118</sup> E desde o início do seu mandato como presidente que a questão da “identidade nacional francesa” (ou seja, o que significa “ser francês”) tem estado na primeira linha, nomeadamente através do lançamento de debates públicos sobre o tema por todo o território nacional. Dentro desta evolução não constitui uma surpresa que, em Setembro de 2010, a França se tenha tornado no primeiro país Europeu a interditar, *de facto*, o véu integral em espaços públicos. E, um ano depois, fruto de protestos populares, e da indignação de partidos como a Frente Nacional, o governo francês proibiu a oração nas ruas das cidades francesas.<sup>119</sup>

Estes exemplos, que estão longe de se esgotar, demonstram a mudança clara ocorrida nos últimos anos do discurso e políticas relativos à imigração. A mudança tem sido conduzida pela importância que o Islão-enquanto-ameaça-para-a-segurança-e-valores-europeus tem adquirido junto da opinião pública. Para além disso, o debate sobre os novos modelos de integração de imigrantes está associado a narrativas culturais (um facto que nem sempre é reconhecido por dirigentes políticos), e à necessidade das comunidades cujos costumes culturais se opõem aos da maioria da população autóctone, de se adaptarem e ajustarem. Existe uma justificação cultural subjacente que permeia as novas reformas de cidadania e de “contratos de integração” impostos aos recém-chegados. É verdade que a tónica está na integração, e estas novas medidas oficiais revelam, em si mesmas, a crença na possibilidade de integração de imigrantes provenientes de culturas distintas, como é o caso dos muçulmanos. E também é verdade que este optimismo praticamente não se faz sentir nos discursos da extrema-direita, que defendem a impossibilidade dessa integração, e a necessidade de separação. No entanto, a tendência em direcção às *justificações culturais* como forma de decidir ou determinar um sentido de pertença à comunidade – há muito considerada uma característica da extrema-direita – é clara. Esta evidência leva à questão da maleabilidade do conceito de “extremismo”,

<sup>117</sup> Sarkozy lance le débat sur l’identité nationale. *LE FIGARO*, 10 mar 2007.

<sup>118</sup> Le regroupement familial sera bientôt durci. *LE FIGARO*, 12 jun 2007.

<sup>119</sup> França proíbe oração nas ruas. *REUTERS*. 16 set 2011

variando conforme as circunstâncias e os políticos que estão por detrás dos discursos e das políticas. Assim, o rótulo de “extremismo” depende do mensageiro, e não da mensagem.<sup>120</sup>

Existem contudo, deve ser reiterado, diferenças. Enquanto os discursos *mainstream* sobre a imigração muçulmana tendem a ser subtis em termos de diagnóstico e de proposta de soluções, a posição da extrema-direita caracteriza-se pela adopção de um cenário do uma-coisa-ou-outra (assimilação ou expulsão) e pelo tom apocalíptico (o advento da Eurábia, a extinção dos povos europeus, etc.). Pode igualmente defender-se que a extrema-direita, ao promover os valores ocidentais e democráticos como forma de oposição ao Islão, está acima de tudo a lutar pela legitimidade, ao vacinar-se a si própria contra acusações de racismo e de xenofobia, ao mesmo tempo que persegue o seu sonho máximo de homogeneidade étnica.<sup>121</sup>

A extensão e o grau de influência que a extrema-direita exerceu, especialmente após o 11 de Setembro, sobre o *establishment* (inserindo as suas posições no seio das correntes dominantes) ao mesmo tempo que foi influenciada por um ambiente anti-muçulmano favorável (levando-a a cooptar temas), merece certamente uma investigação qualitativa e quantitativa mais aprofundada.

### *O “espírito da decadência” desloca-se para o centro?*

Contudo, há uma outra questão sobre a qual é importante reflectir. Uma das forças motrizes da ideologia da extrema-direita é a ideia de *declínio*, seja da nação, ou, cada vez mais, da Europa. Num contexto em que existe a percepção de que os sinais irreversíveis da “decadência” estão por todo o lado, os líderes de extrema-direita retratam os seus grupos como os “últimos defensores” das suas comunidades perseguidas, cuja identidade cultural, autenticidade, e independência se encontram ameaçadas pelas forças nacionais e globais. O “desaparecimento” ou “morte” da comunidade é, nestes discursos, uma possibilidade real que se agiganta num horizonte próximo. O patriarca da extrema-direita europeia, Jean-Marie Le Pen, avisou repetidamente que a França e a Europa, devido à imigração massiva e à queda demográfica, estão a viver na corda-bamba. A sua filha Marine Le Pen defende que “a continuarmos

<sup>120</sup> BURLEIGH, Michael. *Sacred Causes: the Clash of Religion and Politics, from the Great War to the War on Terror*. Nova Iorque: Harper Collins. 2007, p. 479

<sup>121</sup> BETZ, Hans-Georg. Against the “Green Totalitarianism”: Anti-Islamic Nativism in Contemporary Radical Right-Wing Populism in Western Europe. In: *Europe for the Europeans: The Foreign and Security Policy of the Populist Radical Right*, Burlington, VT: Ashgate, 2007, p. 46-51.

assim, a Europa deixará de ser a Europa [mas] tornar-se-á uma República Islâmica”, acrescentando “estamos num ponto de viragem, e se não protegermos a nossa civilização, ela desaparecerá”.<sup>122</sup> Para o líder do Partido Nacional Britânico, o que está em causa é a sobrevivência da Europa, por causa da “imigração massiva ininterrupta e da elevada taxa de nascimento dos muçulmanos, aliada à nossa taxa suicidamente baixa”.<sup>123</sup>

Especialmente desde a última década, esta ideia de decadência, outrora encarada como sendo periférica e “marginal”, deslocou-se para o centro e é cada vez mais adoptada pelas vozes conservadoras do *mainstream*. Tanto autores reputados como muitos comentadores dos dois lados do Atlântico têm, nos últimos anos, redigido o guião dos últimos dias da Europa, segundo o qual, devido ao colapso demográfico, políticas multiculturais auto-destrutivas e imigração desregrada, proveniente sobretudo de países muçulmanos, a Europa atravessará mudanças drásticas que a transformarão para sempre. O historiador Bernard Lewis defende que, devido à desistência da Europa na batalha pelo controlo cultural e religioso, a única questão que permanece relativamente ao futuro da Europa é: “será uma Europa islamizada, ou um Islão europeizado?”<sup>124</sup> Walter Laqueur escreveu o “epitáfio por um velho continente”: devido à imigração descontrolada, políticas multiculturais mal orientadas que produziram sociedades paralelas, agravadas pela auto-imposta guetorização dos imigrantes muçulmanos e por um severo problema demográfico, a Europa “apercebeu-se tardiamente que o continente enfrentava problemas enormes que ainda não tinha conseguido resolver: e que a questão não era mais a emergência ou não de um super-poder dominante, mas sim a sua sobrevivência”.<sup>125</sup>

O tema da decadência europeia encontra-se igualmente presente na obra de Niall Ferguson que defende que o Islão, por razões demográficas, tem uma vantagem a longo prazo relativamente à Europa (e ao Ocidente), pois uma “sociedade jovem ao sul e a leste do Mediterrâneo está a colonizar silenciosamente, no sentido original do termo, um continente envelhecido e secularizado que lhe fica a norte e a ocidente”.<sup>126</sup> O “Ocidente está em decadência ... já deu o que tinha a dar, está velho e esclerótico,” referiu o escritor espanhol Arturo Pérez-Reverte, o Islão

<sup>122</sup> Two personalities clash on European immigration, by Katrin Bennhold. *International Herald Tribune*, 15 jan 2008.

<sup>123</sup> GRIFFIN, Nick. *The European Intifada...*, op. cit., 2005.

<sup>124</sup> Prof. Bernard Lewis tells “Post”: Muslims are “about to take over Europe”. *The Jerusalem Post*, 29 jan 2007.

<sup>125</sup> LAQUEUR, Walter. Op. cit, p. 19.

<sup>126</sup> FERGUSON, Niall. *The March of Islam*. *The Sunday Telegraph*, 21 maio 2006.

vai “ganhar a guerra e merecem ganhá-la”.<sup>127</sup> De forma significativa, a obra de Edward Gibbon sobre a *História do Declínio e Queda do Império Romano* (1776) é frequentemente citada como um aviso agourento sobre o “declínio e queda” em curso da Europa e do Ocidente.<sup>128</sup>

Já outras vozes conservadoras envolvidas no debate público são mais dramáticas e prevêem um futuro de guerra para a Europa, com violência generalizada provocada por uma “reação autóctone” contra os muçulmanos. “É difícil imaginar outro cenário futuro para a Europa, que não a sua islamização ou uma guerra civil”, segundo um comentador.<sup>129</sup> Steyn pensa que um cenário futuro de guerra na Europa é provável, como resultado do “declínio e distúrbios civis que estes factores económicos e demográficos trarão: assim como [trarão] a Conquista – a recolonização da Europa por parte do Islão”,<sup>130</sup> enquanto que o colunista Ralph Peters avisou que “longe de gostarem da ideia de conquistarem a Europa pelo número de filhos que têm, os muçulmanos da Europa vivem na corda bamba... não tenho qualquer dificuldade em imaginar um cenário de navios americanos ancorados, com *marines* dos EUA a desembarcar em Brest, Bremerhaven ou Bari para garantirem a evacuação segura dos muçulmanos da Europa”.<sup>131</sup>

Este cenário sombrio para os muçulmanos na Europa é partilhado por vozes à esquerda, como na revista *New Statesman*, que publicou uma história de primeira página sobre “O Próximo Holocausto” (dos muçulmanos na Europa), onde colocava a pergunta retórica “os novos *pogroms* estão no horizonte?”.<sup>132</sup> Estas profecias, contudo, também são contrabalançadas na esfera pública por aqueles que vêm na Europa um paraíso mais do que um inferno.<sup>133</sup>

Será exagerado e simplista supor uma relação imediata de causa-efeito entre o alarmismo dos profetas da “queda da Europa” e o assassinato em massa perpetrado por Anders Behring Breivik, na Noruega, no Verão de 2011. Fazer essa associação seria descartar, à partida, a hipótese de outras razões mais consequentes para o acto, a começar por um qualquer desequilíbrio psíquico. Contudo, sabe-se que Breivik era um proponente

<sup>127</sup> PÉREZ-REVERTE, Arturo. Entrevista. *Tabu*, 29 nov 2008, p. 67-8.

<sup>128</sup> Veja-se, por exemplo, STEYN, Mark. *America Alone: The End of the World as We Know It*. Washington: Regnery Publishing, 2006 p. 123

<sup>129</sup> PRAGER, Dennis. *The World in 2007*. Creators Syndicate, 19 dez 2006.

<sup>130</sup> STEYN, Mark. Op. cit., p. 108-109

<sup>131</sup> PETERS, Ralph. The “Eurabia” Myth. *New York Post*, November 26, 2006

<sup>132</sup> *NEW STATESMAN*. The Next Holocaust. 5 dez 2005. Disponível em: <http://www.newstatesman.com/200512050006>

<sup>133</sup> A título de exemplos, veja-se RIFKIN, Jeremy. *The European Dream: How Europe's Vision of the Future Is Quietly Eclipsing the American Dream*, Nova Iorque: Tarcher, 2005; LEONARD, Mark. *Why Europe Will Run the 21st Century*. Nova Iorque: PublicAffairs 2006.

da teoria da decadência da Europa, um seguidor ávido das teorias Eurábicas (sobretudo na internet) e que se assumiu no manifesto “Uma Declaração Europeia de Independência” como o guerreiro salvífico de uma Europa à beira do abismo. E, sabendo-se que, desde sempre, qualquer ideologia apocalíptica tem o potencial para abrir as portas à violência redentora, não custa admitir que este húmus cultural, ao desempenhar um papel activo na sua visão do mundo, serviu de plataforma moral e intelectual para Breivik justificar, antes e depois, o seu acto terrorista de “lobo solitário”.<sup>134</sup>

Em sùmula, a “louvável” e “respeitável” adopção por parte da extrema-direita de assuntos que reúnem um consenso relativamente alargado na Europa (a emancipação das mulheres, por exemplo), assim como a “viragem cultural” nas políticas de integração, corroboram a hipótese da cada vez maior indefinição das fronteiras entre os discursos classificados como razoáveis e extremistas. E o assunto fica ainda mais nebuloso porque a extrema-direita usa o cristianismo como escudo ideológico, e muitas vozes conservadoras disseminam igualmente o tema catastrófico do “declínio e queda” das nações europeias sob a dupla pressão da imigração e da demografia.

## Conclusão

Acabar este artigo numa nota pessimista, em face do que foi escrito, seria natural. Certamente, existirão vozes que invocarão o “outro lado” da deriva anti-islâmica na Europa Ocidental. E existem motivos para temperar o alarmismo, desde as actividades da sociedade civil (grupos de apoio a imigrantes, de diálogo intercultural e interreligioso, etc.), até às políticas de integração das comunidades muçulmanas por parte dos Estados europeus, exemplarmente retratadas por Jonathan Laurence.<sup>135</sup> Contudo, estas iniciativas coexistem com dinâmicas culturais, que se reflectem em discursos e políticas, que servem também para abrandar qualquer apressado optimismo relativamente ao futuro da relação entre as comunidades muçulmanas e as democracias europeias.<sup>136</sup> Foi essa

<sup>134</sup> Ver, PANTUCCI, Raffaello. What have we Learned about Lone Wolves from Anders Behring Breivik? *Perspectives on Terrorism*, volume 5, Issues 5-6, 2011.

<sup>135</sup> LAURENCE, Jonathan. *The Emancipation of Europe's Muslims: The State's Role in Minority Integration*. Princeton University Press, 2012

<sup>136</sup> Para o colunista do *Financial Times*, Simon Kuper, o pesadelo da “Eurabia” foi uma moda que morreu e aqueles que fazem essas previsões irão cada vez mais ser reduzidos à irrelevância. O tempo dirá se também esta previsão será, ou não, confirmada. KUPER, Simon. The End of Eurabia. *Financial Times*, 9 set 2011.

outra realidade, desconfortável, e porventura desanimadora, que foi o foco deste trabalho.

E nessa “outra” realidade, pela Europa fora, estamos a testemunhar em diferentes partidos da extrema-direita o crescimento de dinâmicas pós-nacionais, o fortalecimento de uma identidade Cristá, a rejeição de heranças anti-semitas, e a crescente respeitabilidade de algumas das suas posições no debate público sobre o papel do Islão na Europa.<sup>137</sup> E essa “outra” realidade coloca novos desafios, não só para a literatura sobre a extrema-direita contemporânea, como para futuras reflexões sobre o *modus operandi* das democracias liberais ao lidarem com ameaças, sejam elas reais ou imaginárias.

---

<sup>137</sup> Ver também BETZ, Hans-Georg & MERET, Susi, 2009, *op. cit.*; and GÜNDÜZ, Zuhâl Yesilyurt. *Op. cit.*